

RESENHA / REVISIÓN / REVIEW

BIANCHI, Valentina. Focus fronting and the syntax-semantics interface. In: SHLONSKY, Ur. *Beyond the functional sequence*. Oxford: Oxford University Press, 2015.p. 60-72.

Simone Guesser*

Marcelo Giovannetti Ferreira Luz**

Universidade Federal de Roraima

Valentina Bianchi é professora da Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Siena (Itália), tendo também atuado com pesquisa e ensino em diferentes instituições de nível superior, dentre as quais podemos destacar a Escola Normal Superior de Pisa (de 1996 a 2002) e a Universidade Federal de Santa Catarina (1997). Fez e faz parte de uma série de projetos de pesquisa no âmbito da semântica, da aquisição da linguagem e da sintaxe. De seus estudos resulta uma ampla lista de artigos relevantes para a área de Linguística Formal. Em 2012 publicou, pela Editora Carocci, o livro intitulado *Semantica: dalle parole alle frasi (Semântica: das palavras à frase)*.

Com o estudo *Focus fronting and the syntax-semantics interface*, Bianchi descreve e analisa um conjunto propriedades do fronteamento do foco no italiano. A autora leva em consideração a interface sintaxe-semântica e toma como referência a Abordagem Cartográfica.

Segundo Cinque e Rizzi (2008), os estudos cartográficos têm como objetivo desenhar mapas, o mais preciso e detalhadamente possível, de configurações sintáticas. Dentro desse quadro, Rizzi (1997) mostrou que o sintagma CP deve ser analisado como composto por mais de um único esquema X-barra. Unindo seu trabalho de 1997 ao refinamento por ele mesmo proposto em 2001, o CP matriz passa a corresponder ao sistema de núcleos funcionais em (1), enquanto o CP encaixado assume a configuração (2):

(1) [ForceP [TopP [IntP [TopP [FocusP [TopP [FinP

(2) [ForceP [TopP [IntP [TopP [FocusP [TopP [WhP [TopP [FinP

Posteriormente, foram propostas hierarquias paralelas ao sistema CP. Belletti (2001, 2004) propôs uma periferia acima do vP, com um FocP circundado por projeções de Tópico (3). Giusti (2002), baseada em línguas românicas e germânicas, analisou o DP nos moldes de (4).

* Doutora em Linguística. Professora da Graduação em Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRR.

** Doutor em Linguística. Professor da Graduação em Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRR.

(3) ...IP... TopP [FocusP [TopP... [vP

(4) DP [TopP [FocP [NumP [NP]]]]

Referindo-se aos desenvolvimentos em torno das categorias CP, vP e DP, o estudo de Bianchi (2015) revela-se instigante por ressaltar questões cartográficas atuais e importantes. Dentre elas, está um contraste que emerge do paralelismo entre o CP e as periferias de vP e DP: a zona do CP é a única dotada de ForceP, o qual se localiza na parte mais alta entre as categorias que a compõem.

A peculiaridade com relação a ForceP se acentua quando comparam-se diferentes tipos de sentenças. Haegeman (2004), por exemplo, argumenta que as adverbiais centrais do inglês não apresentam ForceP. Tal fato levou Bianchi e Frascarelli (2010) a proporem que a articulação do CP de uma sentença é regulada pelo estatuto dessa sentença na interface. Mais especificamente, projeções cujo conteúdo interpretativo afeta a dinâmica conversacional são ativadas apenas se a sentença hospedeira é dotada de Force e proporciona uma mudança conversacional. Tal restrição foi denominada *Interface Root Restriction (IRR)*:

(5) *Interface Root Restriction*: fenômenos de estrutura informacional que afetam a dinâmica conversacional devem ocorrer em sentenças dotadas de Force ilocucionário.

Bianchi (2015), portanto, parte do problema da categoria ForceP, face ao paralelismo entre as zonas CP, vP e DP; e estuda cartograficamente o fronteamto do foco no italiano, ancorada na abordagem de atualização de contextos (STALNAKER, 1978) e na análise da modalidade de Kratzer (1991, 2012). A autora mostra como a hipótese da IRR explica certas restrições sintáticas do fronteamto e analisa contrastes entre o fronteamto em contexto matriz e encaixado, bem como o papel da negação matriz na focalização encaixada.

Para Bianchi, o fronteamto de foco é, descritivamente, uma estrutura em que o constituinte com acento entonacional mais proeminente aparece na periferia esquerda. Na cartografia, este resulta do movimento do constituinte [+foco] para Spec,FocP do domínio CP (cf. (6b)).

(6) a. Lucia hanno licenziato ec .

‘A Lucia eles demitiram.’

b. [ForceP [FocP Lucia_i [FimP [IP hanno licenziato *t*]]]]

Em termos semânticos, a autora observa que o fronteamto recebe uma interpretação ‘contrastiva’ que pode apresentar dois caracteres: corretivo e admirativo. A interpretação contrastiva corretiva refere-se a contextos em que um falante B rejeita uma asserção prévia de um falante A e afirma uma proposição parcialmente diferente. Isso é ilustrado em (7), em que (7B) manifesta focalização do objeto direto:

(7) A: Gianni ha licenziato Silvia.

‘Gianni demitiu a Silvia.’

B: [Lucia] _{e2} ha licenziato _ (non Silvia).

‘A Lucia ele demitiu.’ (não a Silvia)

Conforme Bianchi, a estrutura focal (7B) estabelece uma conexão específica com (7A) de tal forma que (7A) expressa a proposição **demitir (gianni, silvia)**, enquanto (7B) expressa a proposição **demitir (gianni, lucia)**, sendo as alternativas de foco de (7B), definidas no nível proposicional, da forma {**demitir(john, x) | x ∈ D_e**}. Assim, de acordo com Bianchi, se se adota uma semântica de alternativas para o foco (ROOT, 1992), conclui-se que a proposição (7A) é uma das possibilidades garantidas pelo conjunto de alternativas de foco de (7B), originando um contraste entre as proposições expressas em (7A) e (7B). Nessa perspectiva, o caráter corretivo caracteriza-se como a pressuposição de que a afirmação corretiva é logicamente incompatível com uma alternativa previamente asseverada no contexto interpretativo.

Bianchi segue Stalnaker (1978), segundo o qual a comunidade conversacional compartilha informações aceitas por todos os participantes: o *common ground* (CG: um conjunto de proposições pressupostas), que determina um conjunto de mundos possíveis (o *context set*, CS), em que todas as proposições pressupostas são verdadeiras. Dessarte, quando um falante assevera uma sentença, ele propõe aos seus ouvintes que eles incluam a proposição expressa por tal sentença ao CG; se a proposição não for rejeitada por ninguém, ela entra no CG, tornando-se informação compartilhada que, por sua vez, irá atualizar o CS, retirando dele os mundos possíveis que não estão de acordo com as crenças de determinada comunidade conversacional. Assim, essa atualização não pode introduzir inconsistências, tais como diferentes valores de verdade.

Dentro dessa perspectiva, a autora observa que frenteamento corretivo, tal como no contexto (7), caracteriza-se por produzir um efeito na dinâmica conversacional: a asseveração de (7B) implica a rejeição de (7A), para que a atualização do CG não cause inconsistências.

O outro caráter associado ao frenteamento, apontado por Bianchi, é aquele caracterizado como portando a implicatura de que a informação proferida é inesperada ou surpreendente:

- (8) (Non posso crederci!) [Un anello di diamanti] e_2 le_3 ha regalato!
 “(não posso acreditar!) [Um anel de diamantes] ela/ele lhe_3 deu!”

Na linha de Cruschina (2012 apud BIANCHI, 2015), Bianchi assume uma conexão entre (8) e a categoria de admiratividade e rotula o caráter do foco contrastivo em (8) como admirativo. Através deste, o falante indica que a informação assertada foi adquirida recentemente e ainda não está completamente integrada ao seu sistema de crenças (Cf. DE LANCEY 1997 apud BIANCHI, 2015).

Bianchi observa que a focalização estreita em (8) serve para permitir que sejam geradas as alternativas necessárias para interpretar o caráter admirativo: este induz que a proposição assertada é inesperada *quando comparada com alguma(s) alternativa(s) de foco distinta(s)*. Em (8), as alternativas variam na posição do objeto direto e são da forma ‘John gave Mary Q’: $Q[(\lambda x.dar(jo\tilde{a}o,x,maria))]$. Uma proposição p ser inesperada com relação a uma outra proposição q significa que p é menos provável que q tendo em conta o decurso normal dos eventos em um dado contexto conversacional (cf. GROSZ, 2011 apud BIANCHI, 2015). Essa probabilidade comparativa entre duas proposições p e q é definida assumindo as ideias Kratzer (1991, 2012), dentro da semântica de mundos possíveis; é tomada como um caráter particular de possibilidade comparativa, determinada por uma base modal informativa e uma fonte de ordenamento *estereotípica*, que é um conjunto de proposições representando o que constitui o ‘curso normal dos eventos’.

Nesse quadro, a semântica do caráter admirativo resume-se em (9):

- (9) Há ao menos uma proposição alternativa que é mais provável que a proposição assertada com relação a uma base modal contextualmente relevante e uma fonte de ordenamento estereotípica.

Retomando (8), o caráter admirativo estabelece que há ao menos uma proposição alternativa da forma $Q[(\lambda x.dar(jo\tilde{a}o,x,maria))]$ mais provável que a proposição “João deu a Maria um anel de diamante”. Diferentemente do caráter corretivo, não há necessidade de qualquer proposição saliente no contexto: a existência de alternativas mais prováveis pode ser inferida a partir de conhecimento geral de mundo, como parte de uma implicatura conversacional.

Um aspecto relevante do caráter admirativo para o qual a autora chama a atenção é que este não é apenas a expressão de uma avaliação subjetiva, mas uma proposta de negociação de uma avaliação compartilhada com os ouvintes. De fato, tomando como exemplo (10), constata-se ser possível o participante B rejeitar o caráter admirativo associado à asserção do participante A, mesmo aceitando as condições de verdade:

- (10) A: Pensa, i miei genitori, [una macchina] mi hanno regalato _!
 “Imagina, os meus pais, [um carro] me deram _!”
 B: Be’, che c’è di strano?
 “E daí, o que tem de estranho?”

Essa separação, ressalta a autora, mostra que o caráter admirativo pertence a uma dimensão de significado separada do conteúdo de condições de verdade da asserção (cf. KRATZER, 2004 apud BIANCHI, 2015). De um lado, é proposta a inclusão do conteúdo assertado no CG; de outro, o caráter admirativo é usado pelo falante para propor uma avaliação compartilhada; cada uma dessas atualizações pode ser separadamente rejeitada pelo(s) ouvinte(s).

Da análise do caráter admirativo do frenteamento, emerge uma questão: se o caráter admirativo não é uma avaliação puramente subjetiva, em que parâmetros modais é baseado? Bianchi assume que a base modal para a interpretação do caráter admirativo corresponde ao *Context Set*, crucialmente *antes* da aceitação da asserção que veicula o caráter admirativo. Dessarte, esse caráter se baseia tanto nas informações compartilhadas pelo *Common Ground* (CG), quanto nas perspectivas avaliativas de cada interlocutor do ato de fala, havendo a atualização do *Context Set* (CS); em outras palavras, baseia-se na ordenação estereotípica do mundo e no que se entende como “curso comum dos eventos no mundo”.

Com sua proposta de análise para a semântica do frenteamento em italiano, Bianchi ressalta que tal frenteamento tem impacto interpretativo na dinâmica conversacional. O foco corretivo implica uma atualização do CS, pois envolve a rejeição de (parte de) uma asserção precedente. O admirativo, por sua vez, tem impacto direto sobre o componente avaliativo do contexto discursivo, sendo usado pelo falante para propor uma avaliação compartilhada.

Seguindo a hipótese do IRR, observa-se que o frenteamento do foco, por afetar a dinâmica conversacional, deve ser licenciado apenas em sentenças dotadas de Força Ilocucionária. Nesse sentido, espera-se que tal frenteamento seja produtivo em sentenças matrizes, que são dotadas desse tipo de Força. Daí a expectativa de que seja um *root phenomenon* (fenômeno matriz), nos termos de Hooper e Thompson (1973 apud BIANCHI, 2015). Tal requerimento é satisfeito em sentenças matrizes do italiano, como observa-se em (7B)-(8). Todavia, assim como apontado por Hooper e Thompson para a topicalização no inglês, Bianchi ressalta casos em que sentenças complemento também permitem o frenteamento do foco, como é o caso de sentenças complementos de verbos não factivos *dicendi* e de opinião:

- (11) A: Maria pensa [che affideranno l'incarico a lei.]
 Maria pensa [que darão o cargo a ela]
 B: No, lei pensa [che [a te] lo affideranno _].
 Não, ela pensa [que [a você] o darão _] (leitura corretiva)

- (12) *e sostiene addirittura* [che [un anello di diamanti] le hanno regalato _!]
e pensa até [que [um anel de diamantes] lhe deram _] (leitura admirativa)

Uma propriedade crucial do frenteamento encaixado é que sua distribuição muda se a frase matriz contém negação (cf. HOOPER; THOMPSON, 1973 apud BIANCHI, 2015):

- (13) A: Maria non pensa [che affideranno l'incarico a lei.]
 Maria não pensa [que darão o cargo a ela]
 B: * Veramente lei non pensa [che [a te] lo affideranno _].
 Na verdade ela não acha [que [pra você] o darão]

- (14) * *pro* non sostiene [che [un anello di diamanti] le hanno regalato _!]
pro não afirma [que [um anel de diamantes] [lhe darão]

Considerando a IRR como restrição aplicável ao frenteamento do foco, Bianchi procura explicar os comportamentos sintáticos descritos em (11)-(14).

Quanto à possibilidade do frenteamento encaixado em (11)-(12), a autora aponta duas análises possíveis. Na primeira, (11B) e (12) satisfazem o IRR via movimento encoberto do foco da projeção de Foc encaixada para o FocP do CP matriz, que contém um ForceP

ilocucionário. Assim, os dados que envolvem negação em (13B) e (14) são redutíveis a um efeito de intervenção: sendo o movimento encoberdo do foco um movimento-*A'*, a negação, um operador-*A'*, gera intervenção:

$$(15) *_{[\text{FocP Foc} [\text{IP} \dots [\text{Neg} \dots [\text{V} [\text{CP C} [\text{FocP XP}_i [\text{IP} \dots t_i]]]]]]]$$

A segunda análise para (11)-(12) assume que a sentença complemento seja dotada de um Force ilocucionário, e o fronteamento satisfaça o IRR dentro do CP encaixado. Tal alternativa seria uma reformulação das propostas de Hooper e Thompson (1973) em que a força assertiva é um tipo particular de potencial de atualização de contexto (cf. GUNLOGSON, 2003 apud BIANCHI, 2015; FARKAS; BRUCE, 2010 apud BIANCHI, 2015). O estatuto de uma sentença complemento ativa discursivamente selecionada por um verbo *dicendi* ou de opinião, como (11B)-(12), então, é caracterizado da seguinte forma: o falante propõe que a proposição expressa pela sentença complemento seja adicionada ao CG, mas em vez de comprometer a si mesmo com a verdade dessa proposição, compromete o sujeito da sentença matriz. Sob essa perspectiva, a sentença encaixada é dotada de potencial de atualização de contexto, sendo dotada de um Force ilocucionário e podendo alojar um fronteamento, corretivo ou admirativo.

Segundo Bianchi, essa ‘atualização indireta’ é permitida sob uma *pressuposição de compatibilidade*: os participantes pressupõem que o estado de crença do sujeito matriz, *Maria*, não suporta nenhuma proposição logicamente inconsistente com o CG. Vale notar que um verbo de atitude como *dizer* (dizer) ou *acreditar* (pensar) implica que a proposição expressa pela sentença complemento é verdadeira em todos os mundos compatíveis com as crenças de *Maria*: portanto, é possível ‘exportar’ aquela proposição para o CG sem inconsistência. Dessa forma, o estado atitudinal de *Maria* é usado para fornecer informação para atualizar o CG, como se *Maria* fosse um participante virtual da conversação.

Referindo-se aos dados em (13)-(14), Bianchi afirma que essa ‘exportação’ não é permitida quando a sentença matriz contém negação:

[a negação] implica que a proposição *p* expressa pela sentença complemento não é verdadeira em todos os mundos da base modal doxástica caracterizada pelas crenças de *Maria*: esta última inclui seja mundos-*p*, seja mundos-não-*p*, e pode ser o caso que, entre esses, apenas os mundos-não-*p* sejam, na verdade, compatíveis com a informação do CG (isso é, apenas os mundos-não-*p* da base modal são também incluídos no CS). Nesse caso, se *p* é exportado ao CG, não é garantida consistência, e o resultado da atualização pode ser o CS vazio. (p. 68, tradução nossa)

Assim, em vista do requerimento de que atualizações devem preservar consistência, a negação impede que a sentença complemento atualize o contexto, e o IRR implica que a sentença complemento não possa alojar nem o caráter corretivo nem o admirativo da focalização.

Concluindo seu conjunto de dados, Bianchi observa que, diferentemente de (11)-(12), o fronteamento é proibido em sentenças encaixadas complementos de verbos factivos:

(16) * Mi rallegra [che [una macchina] le abbiano regalato _]! (leitura admirativa)
Me alegre [que [um carro] lhe deram]

(17) A: Gianni si rammarica [che e abbiano licenziato Maria].
Gianni se lamenta [que e tenham demitido Maria]
B: ?? No, si rammarica [che [Lucia] e abbiano licenziato _]. (leitura corretiva)
Não, se lamenta [que [Lucia] eles tenham demitido]

Segundo a autora, quanto à agramaticalidade do fronteamento de caráter admirativo em (16), a perspectiva de atualização de contexto a explica com o fato de que a proposição expressa por um complemento factivo é verdadeira em todos os mundos do CS

e, de modo crucial, também em todos os mundos compatíveis com as crenças do falante da matriz (cf. HEIM, 1992 apud BIANCHI, 2015)). Disso decorre que, quanto ao CS, ou à base modal doxástica introduzida pelo verbo matriz, não pode haver nenhuma alternativa mais provável que a proposição expressa pelo complemento factivo. Consequentemente, o caráter admirativo no frenteamento encaixado não pode ser interpretado.


Quanto a (17B), a autora faz notar que tem-se a pressuposição da proposição expressa na sentença encaixada, válida para todos os mundos possíveis do CS, de forma que a sentença encaixada apresente *potencial de atualização vácuo* em relação ao CS. Uma atualização de contexto vácuo é excluída pela *Informativity Condition* (cf. van LEUSEN, 2004 apud BIANCHI, 2015). Portanto, o CP complemento factivo não pode alojar um frenteamento de foco, porque não apresenta potencial de atualização de contexto.

Trata-se de um estudo de grande relevância para as investigações sobre o processo de focalização. Primeiramente, por estar no âmbito da interface sintaxe-semântica, ao passo que a maior parte dos trabalhos de interface na literatura sobre foco investiga a interface sintaxe-pragmática ou a relação entre sintaxe e prosódia. Em segundo lugar, a autora oferece uma discussão detalhada sobre a semântica do frenteamento, explicitando seus traços interpretativos. Destaque merecem as considerações acerca da semântica do foco admirativo, um tipo de foco não muito investigado na literatura. Por fim, o trabalho é relevante porque contribui para um tópico corrente na teoria sintática atual: os *embedded root phenomena*.

Sobre os dados e análises propostas para o frenteamento focal, ressaltamos uma observação teórica e uma empírica.

A observação teórica refere-se às análises que Bianchi aponta para os dados (11)-(14): alçamento encoberto e licenciamento no CP encaixado. Ao avaliá-las, a autora nota que, assumindo o IRR, ambas predizem corretamente a distribuição sintática que se verifica. Todavia, convém evidenciar um ponto problemático da análise do alçamento encoberto:

(19) [_{FocP} Foc [_{IP} ... [V [_{CP} C [_{FocP} XP_i [_{IP} ... t_i]]]]]



Tal derivação conflita com uma importante assunção cartográfica sobre cadeias-A'. Rizzi (2006) caracteriza uma cadeia-A' como iniciada numa posição e s-seleção e terminada numa posição criterial. Além disso, mostra que posições acima da posição criterial não são permitidas. Tal restrição é expressa pelo *Criterial Freezing*, princípio que estabelece que um sintagma, tendo alcançado a posição criterial, é congelado, e a cadeia-A' não pode mais estender-se. Dado o *Criterial Freezing*, a análise do alçamento encoberto em (19) apresenta o problema de envolver um movimento a partir de uma posição criterial (FocP encaixado) e, portanto, o prolongamento de uma cadeia-A'.

Por fim, a observação empírica compara italiano e português brasileiro: enquanto no italiano o frenteamento corretivo ou admirativo é impossível em sentenças com negação matriz, para o português brasileiro o frenteamento parece possível quando envolve leitura corretiva:

(20) A: A Maria não pensa [que eles vão dar o cargo a ela.]
 B: Na verdade ela não pensa [que [a você] eles vão dar o cargo _]

Assim, assumindo a hipótese da Gramática Universal – central na Teoria Gerativa – é relevante investigar os dados com negação matriz do português brasileiro e mostrar como o IRR e o cenário de atualização de contexto podem explicar fatos como (20).

Por fim, ressaltamos que o estudo de Bianchi, embora seja voltado ao frenteamento do foco, pode ser importante para quem está interessado em outros temas de pesquisa, tais como: focalização de nova informação, topicalização, *root phenomena* e negação. Além disso, trata-se de uma leitura de suma importância para aqueles que pesquisam sobre a cartografia do sistema complementizador.

REFERÊNCIAS

- BELLETTI, Adriana. Inversion as focalization. In: HULK, Aafke; POLLOCK, Jean-Yves (Ed.) *Subject inversion in romance and the theory of Universal Grammar*. New York: Oxford University Press, 2001. p. 60-90.
- BIANCHI, Valentina; FASCARELLI, Mara. Is topic a root phenomenon?. *Iberia*, Sevilla, v. 2. p. 43-88, 2010.
- BIANCHI, Valentina. *Semantica: dalle parole alle frasi*. Roma: Carocci, 2012.
- BELLETTI, Adriana. Aspects of the Low IP Area. In: RIZZI, Luigi Rizzi. *The structure of IP and CP. The cartography of syntactic structures*. New York: Oxford University Press, 2004. p. 16-51.
- CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi. The cartography of syntactic structures. *CISCL Working Papers on Language and Cognition*, Siena, v. 2, 2008, p. 42-58.
- GIUSTI, Giuliana. The Functional Structure of Noun Phrases. A Bare Phrase Structure Approach. In: CINQUE, Guglielmo (Ed.). *Functional structure in DP and IP. The cartography of syntactic structures*. New York: Oxford University Press, 2002.
- HAEGEMAN, Liliane. Topicalization, CLLD and the left periphery. In: SHAER, Benjamin; WERNER, Frey; MAIENBORN, Claudia (Ed.), *ZAS Papers in Linguistics*, v. 35, p. 157-92, 2004.
- KRATZER, Angelika. Modality. In: von STECHOW, Arnim; WUNDERLICH, Dieter (Ed.). *Semantik: ein internationales handbuch der zeitgenössischen forschung*. Berlin: De Gruyter, 1991.
- KRATZER, Angelika. The notional category of modality. In: KRATZER, Angelika. *Modals and conditionals. New and revised perspectives*. New York/Oxford: Oxford University Press, 2012.
- RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, Liliane (Ed.). *Elements of grammar*. Handbook in generative syntax. Dordrecht: Kluwer, 1997. p.281-337.
- RIZZI, Luigi. On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects. In: CHENG, Lisa; CORVER, Norbert. *Wh movement: moving on*. Cambridge: The MIT Press, 2006.
- ROOTH, Mats. A theory of focus interpretation. *Natural Language Semantics*, Amsterdam, v. 1, n. 1, p.75-116, 1992.
- STALNAKER, Robert. Assertion. In: COLE, Peter (Ed.). *Syntax and semantics 9: pragmatics*. New York: Academic Press, 1978.